2 — 804 87

SERMAM
DAS
SACRATISSIMAS CHAGAS
DE CHRISTO
SENHOR NOSSO,
Com a circunſtancia de ſerem as Armas de Portugal;

PRE'GADO

Na ſua Igreja da Ribeyra em Goa, na feſta annual, que em dia da Exaltaçaõ da Cruz lhe faz o Vedor Gèral da Fazenda daquelle Eſtado, ſendo-o actualmente Joaõ Rodrigues da Coſta,

Por Fr. GEORGE DA CONCEYÇAM
Auguſtiniano,
E POR ELLE OFFERECIDO
AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
VASCO FERNANDES
CESAR DE MENEZES,
Viſo-Rey, & Capitaõ Gèral do Eſtado da India, & do Conſelho de Sua Mageſtade, &c.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

Com todas as licenças neceſſarias.
Anno de 1719.

L 2773 2/S122

SERMAM

DAS

SACRATISSIMAS CHAGAS

DE CHRISTO

SENHOR NOSSO,

Que prégou

NO DIA DA SUA APPARIÇÃO

NA IGREJA DA CONCEYÇAM

Nova da Villa

DE SANTOS

O PADRE

VASCO FERNANDES

DE MENDES,

Vigario, & Commissario do Santo Officio da

Cidade de San Miguelade, &c.

NA IGREJA OCCIDENTAL

DO Mosteiro de ANTONIO PEDROZO CARNAM.

Com todas as licenças necessarias.

Anno de 1719.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

AO

EXCELLENTISSIMO SENHOR

VASCO FERNANDES

CESAR DE MENEZES,

Viſo-Rey, & Capitaõ gèral da India, do Conſelho de Sua Mageſtade, &c.

SENHOR.

ESTE Sermaõ, que mereceo a fortuna de ſer o primeyro, que V. Excellencia me ouvio, torna a offerecerſe aos olhos de V. Excellencia. He muy limitada a offerta para ſer o emprego da ſua attençaõ; mas naõ perde o Sol nada de ſeu luzimento, porque coroando com ſuas luzes a grandeza dos montes, paſſa tambem a empregar ſeus rayos na pequenhez dos valles. E a quem, ſenhor, ſenaõ a V. Excellencia, ſe haviaõ de offerecer as memorias daquellas acçoes,

3/S122

com que o nome Portuguez ſe fez temido em todo o Oriente? A quem, ſenaõ a hum Viſo-Rey da India, ſe haviaõ de tributar da India as profecias, as eſperanças, & os progreſſos? Sey que neſte Sermaõ, para cumprimento de huma profecia de Iſaìas, diſſe que no governo de V. Excellencia ſe haviaõ de ſugeytar muytas coroas do Oriente ao Monarcha Portuguez: naõ ſe cumprio inteyramente a profecia, porque ſe naõ conſervou V. Excellencia mais tempo neſte governo; mas todos vimos o bom ſucceſſo da expediçaõ contra o Canarà; a felicidade da vitoria, que contra o inſolente Coſſario Bonoch alcançou huma Nàu Portugueza no Parcel de Malaca; a ſugeyçaõ do barbaro Changamîra nas terras de Senna; & a permiſſaõ do Commercio no Reyno de Cochinchina aos Portuguezes com a felicidade de ſe abrirem juntamente naquelle Reyno as portas às trombetas do Euangelho. Eſtas, & outras emprezas felizmente executadas na India por V. Excellencia, (que a V. Excellencia como ao primeyro movel dellas ſe devem referir) cuja noticia ao ſom de ſeus clarins publica a Fama, & por meyo da eſtampa ſe fez jà publica na Europa, & na Aſia, confirmaõ a eſperança de ſe ir jà cumprindo no governo de V. Excellencia, ſe a mais tempo ſe eſtendêra, aquella profecia. A eſte fim ſe encaminhavaõ as operaçõ̃es de V. Excellencia, porque

ſendo

ſendo o fim deſtas Conquiſtas a propagaçaõ da Fé por meyo dos Miniſtros Evangelicos, que com a doutrina, & com o exemplo devem ſugeytar ao rebanho de Chriſto eſtas ovelhas; quem mais que V. Excellencia poz os meyos para ſe conſeguir eſte fim? Pois he notorio o zelo com que ſolicitou ſempre ſe mandaſſem para as Miſſoẽs Operarios dignos daquelle emprego, & o cuydado com que para exemplo dos Infieis attendeo à paz das Religioens Sagradas, compondo as emulaçoẽs de alguns ſubditos, reprimindo as violencias de alguns Prelados, & abrigando com Religioſo zelo a todos, os que ſe acolhiaõ ao ſeu amparo. Eu como taõ favorecido das honras, com que V. Excellencia ſe dignou protegerme, poſſo teſtemunhar eſta verdade, em reconhecimento dos grandes beneficios, que de V. Excellencia tenho recebido; eſtes me obrigaõ a fazer publico neſte papel o meu agradecimento com a limitada offerta deſte Sermaõ; mas como eſta offerta paſſa a ſer tributo, que ſe deve a V. Excellencia, naõ ſe me imputarà a culpa a limitaçaõ della, porque o que he tributo devido, tem a penſaõ de ſer offerecido, ainda que ſeja limitado; mas compenſarſeha eſta falta, com naõ ter limites o deſejo que tenho de muytos empregos no ſerviço de V. Excellencia, que Deos guarde, & conſerve dilatados ſeculos.

Fr. George da Conceyçaõ.

4/5122

Nunc judicium eſt mundi: nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras. Joan. 12.

TEMOS hoje, todo poderoſo Senhor, a voſſa Divina Mageſtade em juizo, porque vos temos hoje ſentenciando o Imperio do mundo no preſente Euangelho: *Nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras.* Eſtava o mundo pela mayor parte violentamente ſugeyto a hum Principe, & Principe deſte mundo; & como a Chriſto ſó toca o julgar: *Omne judicium dedit Filio*; declara hoje por ſentença ſua no preſente Euangelho, que hade ſer eſte Principe deſapoſſado, & lançado fóra do ſeu Reyno: *Ejicietur foras.* Mas que Principe foy eſte deſapoſſado por Chriſto, & qual o Imperio de que foy privado? O Principe, que foy deſapoſſado, foy o Demonio, que aſſim commenta Hugo as palavras do noſſo Thema: *Princeps hujus mundi, ideſt, Diabolus, qui dominatur malis mundo deditis.* E o Imperio era aquella parte do mundo, ou aquelles povos, em que reynava o Demonio por meyo da Idolatria, como diz Ruperto ſobre eſte lugar: *In quibus Diabolus per Idolatriam inhabitabat.*

Joan. c. 5. v. 22.

Card. Hug. hîc.

Apud A Lapid. hîc.

Mas, Senhor, ſe o fim deſte juizo era deſoprimir os povos ſugeytos ao Demonio por meyo da Idolatria: *Judicium fiet pro mundo liberando, ſcilicet ab oppreſſore*, quando he

Card. Hug. hîc.

5/8122

he que ſe executou eſta ſentença? Quando he que ſe lançou fora eſte Principe? E quando he que ſe deſoprimiraõ eſtes povos? Antes de reſolvermos eſta duvida, he neceſſario advertir, que diz Ruperto Abbade, que a expulſaõ do Principe deſte mundo, que he o Demonio, & a deſopreſſaõ dos povos ſugeytos ao meſmo Demonio naõ he outra couſa mais, que a reconciliaçaõ, ou a converſaõ dos Gentios, & Idolatras ao conhecimento do verdadeyro Deos: *Ejectio verò Principis hujus mundi reconciliatio eſt gentilium electorum.* Porque naõ he outra couſa lançar fóra o Demonio, mais que tirallo dos ſeus Pagodes, & Templos, mudando em altares erigidos ao verdadeyro Deos os tronos em que ſe lhe davaõ Idolatricos cultos: *Ejicietur foras; ideſt*, commenta o meſmo Abbade, *de templis gentium, & delubris, ita ut floreſcente fide converterentur in altaria Chriſti.* E bem: mas quando ſe reconciliàraõ os Gentios ao gremio da Igreja? E quando ſe trocàraõ os idolos do Paganiſmo em Altares do verdadeyro Deos, para ſe deſoprimirem os povos do tyranno jugo do Demonio, & ſe executar a ſentença, em que Chriſto privou o meſmo Demonio do Imperio, em que reynava? Muytos Expoſitores diſcorrem variamente ſobre eſte Texto; mas o que me parece, he, que eſta ſentença de Chriſto, & eſta expulſaõ do Demonio entendida pela reconciliaçaõ dos Gentios, & Idolatras, ſe cumprio na conquiſta das vaſtiſſimas terras deſte Oriente, & na ſugeyçaõ do dilatado Imperio da Aſia.

Rupert. apud A Lapid. cit.

Apud A Lapid. cit.

E ſenaõ, vejaõ. O meyo que Chriſto deo para ſe executar eſta ſentença, & lançar fóra o Principe tyranno, foy ſugeytallo: *Ejicietur foras; ideſt, ſubjicietur*, cõmenta Hugo. As armas com que mandou que o ſugeytaſſe, & o lançaſſe do ſeu Imperio, foy a virtude, & a graça que deſpediaõ de ſi as ſuas Sacratiſſimas Chagas, como diz a meſ-

Card. Hug. cit.

na Purpura de Hugo: *Ejicietur feras per gratiam, quæ diffundetur sacco perforato carnis meæ in passione.* Os Ministros a quem cõmetteo a conquista deste Imperio para si, foraõ os Portuguezes na pessoa do Senhor Dom Affonso Henriques: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire.* Logo se a execuçaõ da sentença de Christo consistia na reduçaõ do Paganismo à fé, se a expulsaõ do Principe tyranno, que era o Demonio, estava em tirar do seu culto os gentios, & Idolatras, & aggregallos ao Imperio de Christo por meyo das suas Chagas, quem duvida jà, que na conquista do Oriente, & de toda a Asia se executou cabalmente a sentença do presente Evangelho, & se lançou fóra do seu Imperio o Demonio, que por meyo da Idolatria reynava nestas naçoens: *In quibus Diabolus per Idolatriam inhabitabat?* Pois todos sabemos que sendo sem controversia esta nossa Asia a mayor das tres partes do mundo, que entaõ estavaõ descubertas, toda, ou quasi toda se reduzio à fé de Christo por meyo dos Portuguezes, & se sugeytou às Sacratissimas Chagas de Christo gravadas nas Quinas, que tremolavaõ nos Estandartes de Portugal, a que se rendiaõ.

H. Brito Chronic. Cister. lib. 3. cap. 3. Ubi sup.

Mas porque haõ de ser as Chagas de Christo dadas aos Portuguezes por armas para esta empreza? Porque só dos Portuguezes ficou Christo a exaltaçaõ das suas Chagas, & por isso naõ sem mysterio se festejaõ as suas Chagas em dia emque se celebra a Exaltaçaõ da sua Cruz. Donde se infere que o fim desta empreza, que Christo commetteo aos Portuguezes, foy a exaltaçaõ das suas Chagas, & por isso lhas communicou por armas; & o meyo para esta exaltaçaõ foy esta conquista do Oriente. Hũa, & outra cousa provaremos no discurso do Sermaõ, & será o assumpto desta hora; & para que se veja que vem o assumpto ajustado com as circunstancias deste dia, se ha de notar a semelhança da

Exaltaçaõ da Cruz, com a exaltaçaõ das Chagas; porque ſe huma vitoria que alcançou Heraclîo contra Coſroas, foy o motivo da Exaltaçaõ da Cruz, que hoje celebra a Igreja; tambem as vitorias dos Portuguezes na conquiſta do Oriente concorrem a provar a exaltaçaõ das Chagas de Chriſto; & ſe as armas, com que Chriſto ſugeytou o mundo, foy ſó a ſua Cruz, como notou a grande luz da Igreja meu grande Padre Santo Agoſtinho: *Domuit orbem non ferro, ſed Ligno*; tambem as armas, com que Chriſto triunfou em toda a Aſia por meyo dos Portuguezes, naõ foraõ outras mais, que as ſuas Chagas. E ſendo iſto aſſim, naõ com menos razaõ logramos neſte dia a aſſiſtencia do Diviniſſimo Sacramento; porque ſe eſte ſoberano myſterio teve a ſua origem, como advertio a meſma Aguia Africana: *Percuſſum eſt latus pendentis in cruce lancea, & perfluxerũt Eccleſiæ Sacramenta*; tendo nòs hoje á noſſa viſta patente a Chaga do lado no centro das noſſas armas exaltadas neſte Oriente, juſto he que tambem aſſiſta o Sacramento a eſtes applauſos manifeſto no alto deſſe trono. E ſe á Chaga do lado chamou Santo Thomàs Chaga do amor: *Vulnus amoris*, razaõ parece, que concorra para a ſua exaltaçaõ hum Sacramento, que he todo amor: *Sacramentum amoris*. Temos o aſſumpto ajuſtado às circunſtancias da feſta, em que naõ vencemos a menor difficuldade deſte dia: entremos a provallo, & para que ſeja com acerto, neceſſito de muyta graça.

D. Aug. in Pſal. 54. ad verſ. 1.

S. Aug.

S. Tho. Aquin.

S. Doct.

AVE MARIA.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Nunc

Nunc judicium eſt mundi, nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras.

HE ſem duvida que os triunfos na ſua repetiçaõ exaltaõ com grandeza o credito das armas vencedoras: & ſe iſto he certo, como he, logrando as armas de Portugal nos ſeus Eſtandartes taõ repetidos vivas nas vitorias de todo o Oriente, bem ſe ſegue que por todo o Oriente ſe exaltàraõ as armas Portuguezas, & nellas as Sacratiſſimas Chagas de Chriſto. Eſte foy o fim da conquiſta, & ſugeyçaõ do Oriente cõmettida por Deos aos Portuguezes; mas para vermos, que o fim deſta conquiſta, & deſtas vitorias foy a exaltaçaõ das Chagas Santiſſimas de Chriſto, vejamos primeyro os meyos, que para eſte fim buſcou o meſmo Chriſto. Queria Chriſto Senhor noſſo que na Aſia ſe exaltaſſem as ſuas Chagas, & como toda a Aſia eſtava ſugeyta ao Demonio por meyo da Idolatria, cõmetteo aos Portuguezes eſta conquiſta, ou a conquiſta deſte Imperio, de privou ao Demonio, para por meyo das ſuas armas ſe exaltarem as ſuas Chagas; iſto conſta da letra do Evangelho; mas como delle naõ conſta com evidencia que foſſe eſte Imperio o da Aſia, moſtrallo-hey com toda a evidencia em hum admiravel texto da Sagrada Eſcritura.

No Capitulo ſegundo do primeyro livro dos Reys fallando em profecia Anna Mãy de Samuel, rompeo neſtas palavras: *Judicabit Dominus fines terræ, & dabit imperium Regi ſuo.* Querem dizer: Julgarà o Senhor os confins da terra, & darà neſte juizo o Imperio ao ſeu Rey. Pelos confins da terra entende Sãto Auguſtinho meu Padre as ultimas partes do mundo: *Fines terræ, id eſt, extrema terræ*: que

Reg. lib. 1. cap. 2.

S Aug. ſuper hunc textum

de no ſentir de Bozio , & Maluenda ſaõ as terras da Aſia,
Eccl. lib. 22. c. 3. como a China, o Japaõ, & outras mais. Iſto ſuppoſto, pergunto: & qual he o Rey , a quem ha de dar Chriſto eſte
Malu. de Anunch. lib. 3. Imperio da Aſia , que logrou a ventura, de que o meſmo Chriſto o chamaſſe Rey ſeu : *Regi ſuo* ? Todos os Reys Catholicos naõ ſaõ Reys ſeus ? Quem o duvida ? Qual ha de ſer logo o Rey de Chriſto , a quem ha de dar o meſmo Senhor eſte Imperio? Naõ pòde ſer outro mais que o Sereniſſimo Rey de Portugal. Tenho por mim naõ menos que o meſmo texto.

Diz o texto que eſte Imperio ha de dar Chriſto a hum Rey, que he Rey ſeu: *Regi ſuo*; & por eſte Rey ſeu entende Mendonça hum Rey feyto pelo meſmo Chriſto , hum Rey com a inveſtidura do Reyno dada pelo meſmo Chriſto , & por elle conſtituido Rey: *Regi ſuo , id eſt, Regi à ſe*
Mend. in lib. 1. Reg. cap. 2. annot. 15. ſect. 2. *facto ; Regi, quem ipſe conſtituit , & creavit.* E qual he o Rey a quem o meſmo Chriſto deu a inveſtidura de Rey viſivelmente , ſenaõ o Senhor Dom Affonſo Henriques , naquella taõ celebrada noyte , em que ſe lhe manifeſtou no Campo de Ourique , levantando-o à grandeza de Rey, ſendo atè alli Conde de Portugal? Logo he o Sereniſſimo Rey de Portugal o Monarcha, a quem Chriſto deu o Imperio da Aſia? Naõ ha duvida; & ſenaõ, confeſſem eſta verdade ſeſſenta & duas Coroas ſugeytas, & rendidas na Aſia ao Trono Portuguez ; digaõ-no quatrocentas & vinte & tres Praças preſidiadas ; trinta & nove Cidades cabeças de Provincias , & mais de oyto mil legoas ſugeytas ao dominio Portuguez na Aſia.

Eſte he o Imperio que para ſi fundou , & eſtabeleceo Chriſto no Campo de Ourique: *Volo in te, & in ſemine tuo Imperium mihi ſtabilire*; porque ainda que os Portuguezes
Brito cit. ſugeytavaõ os Infieis , & Idolatras à Coroa de Portugal, com as meſmas armas os ſugeytavaõ ao rebanho de Chriſ-

to,

to, unindo-os à ſua Igreja : ſe com huma maõ brandiaõ a lança, na outra tremolava o Eſtandarte da fé ; porque ſe com huma maõ deſcarregavaõ o golpe com que os ſugeytavaõ, com a outra arvoravaõ a Cruz, a que ſe convertiaõ; ſendo a meſma eſpada Parca cruel a tantas vidas , & vida a muytas almas ; & aſſim ſe continuava a converſaõ dos Infieis ao meſmo paſſo , que ſe rendiaõ às armas de Portugal ; por iſſo obſervou huma douta penna, que os Portuguezes na Aſia mais militavaõ para Chriſto , do que para a coroa de Portugal: *Nec ſuis in terra marique copijs tam ſibi, quàm Chriſto militabant.* Mas aſſim havia de ſer, porque o deſtino dos Portuguezes no Oriente foy eſtabelecer em ſi hum Imperio para Chriſto , como elle meſmo diſſe: *Imperium mihi ſtabilire* ; & eſſe foy o Imperio que o meſmo Chriſto lhe deu: *Dabit Imperium Regi ſuo.* Vieg. in Apoc. cap. 22. n. 6.

Pareceme que tenho moſtrado com evidencia que he na Aſia, & da Aſia o Imperio, de que privou ao Demonio Chriſto Senhor noſſo; & que o Principe, a quem concedeo o direyto de o conquiſtar, he o Monarcha Portuguez: mas poderà dizer alguem, que do texto referido ſe ſegue ſó, que Chriſto darà eſte Imperio de futuro , ſignificado pelo *Dabit*; porèm naõ conſta que o deſſe, ou que o tenha já dado aos Portuguezes ; porque naõ nos conſta de lugar nenhum que Chriſto mandaſſe os Portuguezes a tomar poſſe deſta conquiſta , & ſenhorearſe deſte Imperio. A duvida naõ tem muyta força ; porèm quero ſatisfazer a ella para confirmaçaõ do meu penſamento, moſtrando que mandou Deos expreſſamente os Portuguezes a conquiſtar o Oriente , & publicar nelle com a luz do Evangelho o ſeu Santiſſimo Nome , trazendo ao gremio da Igreja por meyo do Bautiſmo aquelles póvos.

Por boca do Profeta Iſaías falla Chriſto , & diz eſtas myſterioſas palavras: *Ite Angeli veloces ad gentem convulſam,* Iſai. cap. 18. verſ. 2.

& dilaceratam, ad populum terribilem, poſt quem non eſt aliud: ad gentem expectantem. Querem dizer vertidas no noſſo Portuguez, & explicadas por hum douto Eſcritor: Ide, & pondevos ao caminho, como Anjos velozes, lá para eſſa gente tam apartada do cõmercio das outras naçoẽs: *Gentem convulſam, quia à cunctis gentibus ſit ſejuncta, ac divulſa;* como de Deos, & da ſua fé: *Convulſam à Deo,* diz Hugo. Gente taõ dividida entre ſi nas linguas, como differente nos ritos, & coſtumes: *Dilaceratam, quia in plurimos populos lingua, & moribus diſſimillimos ſit diſſecta;* & por iſſo terrivel pela barbaridade dos coſtumes, & fereza do trato: *Populum terribilem ob efferatos mores*: & finalmente gente habitadora nos confins do mundo, porque para diante naõ ha mais mundo, nem mais gente: *Poſt quem non eſt aliud.* Ide, que he gente que ha tantos ſeculos eſtà eſperando o meu auxilio: *Gentem expectantem: auxilium noſtrum*, acreſcenta o Cardeal Hugo. Ha deſcripçaõ mais propria dos póvos da Aſia? Que gente mais ſeparada do commercio das outras naçoẽs, que a da Aſia, antes de a deſcubrirem os Portuguezes? Que gente mais dividida nas linguas, mais ſuperſticioſa nos ſeus ritos, & mais barbara nos coſtumes, que a deſte Oriente? Quaes ſaõ os que habitaõ Iapaõ, a China, & a Scithia, terras que ſaõ as balizas do mundo por eſta parte, ſenaõ os póvos da Aſia? E finalmente qual he a gente que a animou tantos ſeculos a eſperança da fé, que recebèram do Apoſtolo Saõ Thomè, ſenaõ os póvos, que ainda ſe conſervavaõ, quando paſſamos à India, com o nome de Chriſtãos de Saõ Thomè?

Boz. de ſign. Eccleſ. lib. 22. cap. 3. Hugo hîc.

Hugo hîc.

Saõ logo os póvos da Aſia, a gente, a quem mandou Deos aquelles Anjos: *Ite Angeli veloces*: aſſim ſe deyxa ver do diſcurſo que temos feyto, & o affirma o doutiſſimo Mendonça, porque aonde a noſſa Vulgata le, *Gentem expectantem*, le o Hebreo, *Gentem lineæ, lineæ*: & gente para onde

Mend. cit. ubi ſup. ſect. 1 Rebel. 2. p. de juſt. apud ipſum.

onde ſe paſſa duas vezes a linha, como explica eſte douto, he ſem duvida a gente da Aſia. Iſto moſtrado, vejamos agora que Anjos eraõ aquelles, que Deos mandou aos póvos da Aſia. O meſmo Mendonça o declara, & diz, que ſaõ os Portuguezes, que voando nas azas do ardente deſejo, que os inflammava, de propagar a fé, deſprezando perigos ſe meteram por mares nunca d'antes navegados a conquiſtar para ſi, & para Chriſto eſte Imperio: *Dicuntur Angeli Euangelici præcones ex Luſitania tam celeres profecturi.* Mend. cit. & cum eo Sylveir. opuſc. 2. reſol. 41. Fined. de rebus Salom. lib. cap. 14. Seraph. de Freit. de juſt. imp. Aſiat. cap 4. Rebel. cit Iſai. cap. 11. verſ. 14.

Eis-aqui temos a Chriſto por boca de Iſaias mandando executivamente os Portuguezes à conquiſta da Aſia. Ide, diz Chriſto aos Portuguezes, para eſſas naçoẽs da Aſia: *Ite*: ide para eſſe Imperio do Oriente: *Ite*: ide para eſſa gente intractavel: *Ite*: & para que Senhor? Para que mandais os Portuguezes à India? Que haõ de fazer os Portuguezes no Oriente? Haõ de fazer no Oriente o que ha muyto diſſe pelo meu Profeta: *Per mare, ſimul prædabuntur filios Orientis*: Haõ de ir ao Oriente, & todos uniformemente ſe haõ de applicar a conquiſtar, & tirar das garras do Demonio os filhos, & naturaes do Oriente por meyo da agua do Baptiſmo. Tudo he do Cardeal Hugo: *Per mare, id eſt, per mare Baptiſmi; ſimul prædabuntur, id eſt, concorditer Diabolo auferent filios Orientis.* Pareceme eſtar tirada toda a duvida, & ficar concluido que foraõ os Portuguezes mandados por Chriſto a ſenhorearſe do Imperio da Aſia, reduzindo eſtes póvos ao gremio da Igreja por meyo do Baptiſmo. Hugo Car.

Eſte foy, Senhores, o deſtino das armas Portuguezas na India, porque eſta foy a obrigaçaõ, com que Portugal foy acclamado Reyno: *Ut deferatur nomen meum ad exteras gentes*: & como o deſignio, com que Chriſto mandou os Portuguezes para a Aſia, foy a conquiſtar para ſi eſte Imperio, & a plantar nelle a ſua fé, he ſem duvida que tambem Apud Brit. cit.

9|S122

bem ſe havia de empenhar nas vitorias das armas Portuguezas; porque quem quer, & intenta o fim, quer, & intenta conſecutivamente os meyos; & ſendo o fim o plantarſe a fé, & os meyos para iſſo as vitorias das noſſas armas, claro eſtà que ſe havia de empenhar Chriſto neſtes meyos, para ſe poder conſeguir aquelle fim. Mas que muyto andaſſem vitorioſas as noſſas armas, ſe por armas nos deu Chriſto as ſuas Chagas, fiando a exaltaçaõ dellas ſó dos fios da noſſa eſpada? Que muyto logo aſſombraſſem os Portuguezes o mundo com ſuas proezas, ſe á ſombra das Chagas pelejavaõ? como taõ boa ſombra os cobria, eraõ aſſombros o que obravaõ. E por iſſo naõ ouve naçaõ em toda a Aſia, que naõ temeſſe, & tremeſſe das armas Portuguezas; Cidade que ſe lhe naõ rendeſſe; Reyno que ſe lhe naõ fizeſſe tributario; & batalha que ſe naõ venceſſe, como ſe vio, & ſe admirou em Dio, Calecut, Goa, Columbo, Cananor, Ceylaõ, Malaca, & em outras partes aonde muy poucos Portuguezes vencèraõ innumeraveis exercitos. Deyxadas as mais, confirme eſta verdade aquella famoſa batalha naval, que no Oceano Aſiatico venceo Dom Franciſco de Almeyda a Mirhozen General do Turco, de cujos Eſtãdartes ſe erigiraõ os trofeos deſta vitoria, & ſe guardàraõ no convento de Thomar.

Eſtas ſaõ as vitorias com que triunfáraõ as armas Portuguezas no Oriente; & eſtas as proezas que obràraõ na conquiſta deſte Imperio de Chriſto; eſte foy o meyo que buſcou Chriſto para a exaltaçaõ das ſuas Chagas, pois por meyo deſtas vitorias ſe exaltàraõ tanto as Chagas, que ſe viaõ tremolar nas bandeyras Portuguezas ſobre as mais levantadas torres da Aſia, & ſobre as Coroas de muytos Reys do Oriente; & como eſte era o fim, por iſſo ſó para Portugal reſervou Chriſto a gloria de ter por armas as ſuas Chagas.

Na

Na Cruz eſtava Chriſto conſummando a obra da Redempçaõ humana, & eſtando às portas da morte ſendo a meſma vida, diz o meu Santo Thomàs de Villanova, que tambem fizera ſeu teſtamento: *Pendebat Chriſtus in Cruce moriturus, & diſpoſuit teſtamentum*: diſpoz nelle varios legados, & deyxas, porque deyxou o corpo à ſepultura, o ſangue à terra, a alma ao Eterno Padre, os Diſcipulos na peſſoa de Sam Joaõ à Senhora, & finalmente a meſma Senhora ao Evangeliſta; porèm reparo, que deyxando Chriſto tudo iſto, ſó huma couſa declara por boca do ſeu Profeta, que a ninguem deyxa: *Gloriam meam alteri non dabo*: A ninguem deyxo a minha gloria. E que gloria era eſta, que Chriſto naõ quiz communicar a outrem? Naõ podia ſer a gloria eſſencial, que conſiſte na viſaõ clara de Deos, porque eſta he de fé, que ſe communica aos bemaventurados. Seria por ventura a gloria da ſua Cruz eſta gloria, como muytos dizem? Tambem naõ podia ſer, ſegundo o que entendo, porque Saõ Paulo participou della: *Confixus ſum Chriſto Cruci.* Seriaõ finalmente os outros martyrios da ſua Payxaõ eſta ſua gloria, que naõ queria communicar a outrem? Tambem naõ; porque o meſmo Chriſto os communicou a muytos Santos: pois que gloria era eſta, que Chriſto naõ queria paſſaſſe a outrem, declarando por verba de teſtamento, que a ninguem queria communicar: *Alteri non dabo?*

S. Thom. de Villanov. Serm de S. Joan. Euang.

Iſai. cap. 48. verſ. 11.

Ad Galat. cap. 2. verſ. 19.

Ora pareceme naõ ſer eſta gloria outra mais, que a gloria das ſuas Chagas, porque ſaõ as ſuas Chagas aquillo em que Chriſto tem a melhor gloria: *Glorior his ſignis*, diſſe o meſmo Chriſto. E qual he agora a razaõ, porque naõ quer Chriſto communicar a outrem as ſuas Chagas? Porque as Chagas de Chriſto ſaõ as armas do ſeu Reyno, & por iſſo ſó na Cruz aceytou com a inclinaçaõ da cabeça o titulo de Rey: *Rex Judæorum*; & ſó entaõ começou a reynar: *Regnavit*

Vaſconcel. in vita Alphonſi Henriq.

Marc. cap 15. verſ. 16.

Hymn. Vexilla Regis

vit à lingo Deus: porque como ſó na Cruz ſe vio com Chagas, que eraõ as armas do ſeu Reyno, conheceo por ſeu o Reyno, de que o acclamavaõ Rey, porque ſó entaõ vio as ſuas armas; & como as Chagas eraõ as armas de Chriſto, naõ quiz communicar a outrem a gloria de ter eſtas armas, porque ſó para Portugal tinha reſervado eſta gloria. Mas ſe Chriſto queria deyxar a Portugal as ſuas Chagas, qual he a razaõ porque naõ faz eſta deyxa em ſeu teſtamento? A razaõ he: porque naquelle tempo, em que Chriſto padeceo pelo genero humano, naõ tinha ainda Portugal o titulo de Reyno, & ainda naõ tinha amanhecido nelle a primeyra luz do Evangelho, & como naõ era Reyno Chriſtão, naõ podia herdar de Chriſto as Chagas; porèm tanto que Portugal ſe vio levantado à grandeza de Reyno, tanto que teve Rey natural, & Catholico, naquella meſma noyte taõ celebrada, em que lhe deu o meſmo Chriſto a Coroa, tambem lhe deu por armas as ſuas Chagas: *Inſigne tuum ex pretio, quo ego genus humanum emi, compones*: dando-ſe naquella noyte a Portugal o que atè alli naõ quiz Chriſto communicar a outrem: *Gloriam meam alteri non dabo.*

Apud Brito cit.

E com tanto empenho reſervava Chriſto ſó para Portugal eſta gloria; tal era o deſvelo, em que ſó Portugal tiveſſe o primeyro lugar neſta fineza, que communicando muyros martyrios, & paſſos da ſua Payxaõ a outros, ſó as ſuas Chagas, nem ainda em figura, quiz communicar a outrem primeyro do que as communicaſſe a Portugal. Joſeph vendido por ſeus Irmãos foy figura de Chriſto vendido por Judas: Iſaac com a lenha às coſtas caminhando para o Sacrificio, repreſentava a Chriſto com a Cruz aos hombros caminhando para o Calvario: Jonas por eſpaço de tres dias no ventre da Balea figurava a Chriſto poſto no ſepulchro: & finalmente a ſerpente na Cruz do deſerto foy figura de Chriſto na Cruz do Calvario; mas he digno

de

de reparo, que communicando Christo os mais passos da sua Payxaõ a homẽs, só o passo de crucificado naõ quiz communicar a homem algum, & só permittio que huma serpente representasse ali crucificado. Naõ parecia ter mais proporçaõ hum homem, do que huma serpente, para representar a Christo na Cruz? Sim tinha; mas para hum homem estar crucificado como Christo, havia de estar pregado de pès, & mãos à imitaçaõ do mesmo Senhor; & para a serpente estar na Cruz, como a natureza lhe negou o ter pès, & mãos, havia de estar enroscada na mesma Cruz, sem estar pregada; para o homem estar na Cruz havia de ter Chagas como Christo, & a serpente podia estar nella sem Chagas. Ah sim, essa foy a razaõ, porque huma serpente, & naõ hum homem foy figura de Christo na Cruz; pois tanto zelava Christo as suas Chagas, que nem ainda em figura as quiz communicar a outrem; faça embora a figura de Christo na Cruz huma serpente; mas o communicaremse-lhe as Chagas, que Christo só para Portugal reservava, he fineza essa que só para os Portuguezes se guarda, & a nenhum outro se communica: *Alteri non dabo.*

Mas vejo que se me põem esta instancia: He certo que Christo communicou realmente as suas Chagas à aquelle abrazado Serafim da terra Saõ Francisco de Assis, & depois delle a outros muytos Santos: logo porque se naõ havia de communicar tambem à serpente no deserto? Direy: A Saõ Francisco, & a outros Santos depois delle, communicou Christo as suas Chagas, depois de as ter jà dado a Portugal, porque a Portugal deu Christo as Chagas no anno de mil cento, & trinta & nove, & a Saõ Francisco no de mil duzentos & tantos; porèm se as communicasse à serpente no deserto, davam-se-lhe muytos seculos antes de se communicarem a Portugal; & como Christo queria que Portugal fosse o morgado neste favor; como queria

que levaſſe a primazia a todos neſta fineza, por iſſo antes de Portugal ter as ſuas Chagas, naõ quiz que outrem as lograſſe: *Alteri non dabo*: porèm depois que Portugal logrou a dita de ſer o primeyro em as receber, naõ duvidou Chriſto dallas tambem a outros; mas com eſta differença, que ſo Portugal as teve por armas, & nenhum outro.

E porque ſe haviaõ de communicar as Chagas ſó aos Portuguezes? Ou porque ſó aos Portuguezes havia de eſcolher Chriſto para a Aſia? Naõ podia Deos eſcolher outra qualquer naçaõ, ou qualquer outra parte do mundo para ſeu Imperio? Haviaõ de ſer ſó os Portuguezes, & naõ outros; ſó o Oriente, & ſó a Aſia, & naõ outra parte do mundo? Sim: & porque? Porque o Imperio da Aſia eſtava jà adjudicado a Portugal por ſentença de Chriſto, como theatro das ſuas vitorias, & grandezas: *Dabit Imperium Regi ſuo: Ite Angeli veloces*: & como Chriſto queria que na Aſia, & no Oriente ſe exaltaſſem as ſuas Chagas, eſta foy a razaõ, porque ſó aos Portuguezes deu as ſuas Chagas, & para exaltaçaõ dellas eſcolheo ſó a Aſia. E qual ſeria a razaõ, porque Chriſto ſe empenhou tanto que na Aſia, & no Oriente, & naõ em outra parte, ſe exaltaſſem as ſuas Chagas? A razaõ a meu ver he; porque queria Chriſto que as Chagas que recebeo com afronta, & ignominia, appareceſſem com gloria, & exaltaçaõ no meſmo lugar, em que as recebeo; queria que na meſma parte do mundo, em que ſe viraõ abatidas, ſe viſſem tambem exaltadas; & como o lugar em que as recebeo foy o Oriente, como a parte do mundo foy a Aſia, por iſſo eſcolheo ſó a Aſia, para que nella ſe viſſem exaltadas, & appareceſſem glorioſas. Agora venho a entender o myſterio porque Chriſto na Cruz morreo com os olhos para a parte do Oriente: *Oculis ad Orientem ſpectabat*: diz Mendonça. E porque? Eu o direy: Achava-ſe Chriſto na Cruz com as Chagas, que recebeo

Mend. cit.

com

com tanto opprobrio, & afronta ſua, & vendo tambem que aquellas meſmas Chagas haviaõ de ſer exaltadas com tanta gloria no Oriente pelos Portuguezes; cauſava-lhe eſta conſideraçaõ tanto prazer, que o que mais lhe roubava os affectos, & lhe levava os olhos naquella hora, era ſó o Oriente: *Oculis ad Orientem ſpectabat.*

Trazia Deos tanto diante dos olhos o Oriente nos tempos antigos, que naõ ha livro na Sagrada Eſcritura, em que Deos naõ repetiſſe muytas vezes a memoria do Oriente, como he patente aos doutos nas Sagradas letras: mas aſſim havia de ſer, porque tinha deſtinado o Oriente para theatro da exaltaçaõ das ſuas Chagas, & eſtabelecimento do ſeu Imperio, penſaõ com que foy inſtituido o Reyno de Portugal. Naquella meſma noyte, & hora em que Chriſto deu as proprias Chagas por armas a Portugal, teſtemunha o Santo Rey Dom Affonſo Henriques que vira para a parte do Oriente huma reſplandecente luz: *Vidi ſubitò Orientem verſus micantem radium*: & que myſterio teria aquella luz, que naõ ſe vio ſem myſterio? O myſterio pareceme naõ ſer outro mais que eſte: Dava Chriſto aos Portuguezes as ſuas Chagas: *Inſigne tuum ex pretio, quo ego genus humanum emi, compones*, eſtabelecendo nelles ſeu Imperio: *Imperium mihi ſtabilire*; & para moſtrar que a penſaõ com que o acclamava Reyno era a conquiſta, & eſtabelecimento do ſeu Imperio no Oriente; para entendermos que tinha deſtinado o Oriente para theatro, em que ſe haviaõ de exaltar as Chagas que lhe dava, quiz com aquella luz poſta para o Oriente moſtrar o caminho do Oriente aos Portuguezes; porque ſe de huma luz, ou eſtrella que no Oriente viraõ os Magos para o Occidente, entendèraõ, que Deos lhes moſtrava o caminho para o Occidente; deſta luz que no Occidente ſe vio para a parte do Oriente, que havemos de dizer, ſenaõ que com ella

Brito cit.

Brito cit.

12/5122

quiz Deos moſtrar aos Portuguezes o caminho para o Oriente? *Vidi ſubitò Orientem verſus micantem radium.*

Eſte he o fim a que Deos ordenava as vitorias Portuguezas neſta conquiſta, & eſta exaltaçaõ era a baliza a que dirigia Deos os noſſos triunfos. E conſeguio-ſe por ventura o fim? Exaltaraõ-ſe no Oriente as Sacratiſſimas Chagas de Chriſto, que nos deu por armas? Iſto era o que agora devia provar; mas por naõ ſer moleſto, ſó baſta ſaberſe que andàraõ por todo o Oriente vitorioſas as noſſas armas, para ficar provado, que andàraõ exaltadas com effeyto as Sacratiſſimas Chagas, q̃ Chriſto nos deu por inſignia. Todos ſabẽ que as armas vencidas, & ſugeytas ſaõ as que ficaõ abatidas, & ultrajadas; & as armas vencedoras por conſequencia haõ de ficar triunfantes, & exaltadas: logo ſe os Portuguezes diſcorrèraõ por toda a Aſia triunfantes, quem duvida que as Sagradas Quinas de Portugal, & nellas as Chagas de Chriſto, andàraõ ſempre exaltadas ſobre as cabeças dos mayores Monarchas do Oriente, tremolando ao vento nas mais levantadas torres de toda a Aſia? Iſto tudo he ſem duvida.

Mas Senhor dayme licença para formar de vòs huma amoroſa queyxa: Se eſcolheſtes o Oriente para nelle ſe exaltarem as voſſas Chagas, como conſentis, que ſe vejaõ abatidas em tantas Cidades, & terras, que hoje poſſuem os inimigos do voſſo nome? Se eſcolheſtes os Portuguezes para fundarem na Aſia o voſſo Imperio, como permittis, que ſe vaõ atenuando tanto as forças Portuguezas na Aſia, & por conſequencia diminuindoſe o voſſo Imperio? Pois ſaõ tantas as fatalidades que ha annos experimentaõ os Portuguezes na India em ſuas emprezas, que dellas ſe póde inferir a ſua pouca duraçaõ na Aſia. Ora aſſim he, diz Chriſto, fallando naturalmente; mas naõ he aſſim fallando com reſpeyto ao modo ſobrenatural, com que coſtumo

muytas

muytas vezes obrar. O meu braço he que ha de ſugeytar à Coroa de Portugal todo o reſtante do Oriente, porque heyde entrar com o meu poder a ſugeytarlhe naõ ſó aquillo que os Portuguezes tinhaõ ſugeyto, mas tambem o reſtante de toda a Aſia; & como heyde tomar à minha conta eſta empreza, permitti que ſe atenuaſſem tanto as forças Portuguezas no Oriente, para que ſugeytandoſe o reſtante do Oriente às bandeyras de Portugal, eſtando as ſuas forças taõ desfalecidas na Aſia, ſe conheça, que neſtas circunſtancias naõ ſe podia ſugeytar o Oriente à força do braço Portuguez, mas ſim por meter eu o meu braço neſta empreza. Parecerà iſto ſó diſcurſo meu, mas parece tambem verdade profetizada por Iſaías.

Meterà Chriſto, diz o Profeta, ſegunda vez o ſeu braço para acabar de ſe poſſuir, & ſugeytar o reſtante do ſeu povo: *Adjiciet Dominus ſecundò manum ſuam ad poſſidendum reſiduum populi ſui: Dominus, id eſt, Chriſtus*, commenta Caetano. E que povo he eſte que Chriſto chama povo ſeu: *Populi ſui?* Diz Maluenda, com Saõ Hieronymo, que he o povo Oriental. Venero a expoſiçaõ do Santo, mas por ſer eſtranha, & elle a naõ provar, provallahey com eſte diſcurſo: O povo Chriſtaõ he povo de Chriſto; & porque ſe chama Chriſtãõ? Porque ſe deriva do nome de Chriſto: logo tambem o povo Oriental he povo de Chriſto; & ſe naõ vejaõ: porque Chriſto ſe chama Chriſto, o ſeu povo he povo Chriſtaõ; logo ſe Chriſto ſe chamaſſe tambem Oriente: *Oriens nomen ejus*, o ſeu povo he o povo Oriental: *Populi ſui*: aſſim ſe ſegue; mas reparo dizer o Profeta que ha de meter Chriſto o ſeu braço ſegunda vez, para haver de ſugeytar o reſtante do povo Oriental: *Adjiciet Dominus ſecundò manum ſuam.* Se Chriſto ha de entrar ſegunda vez a ſugeytar os póvos do Oriente, he certo que já entrou neſta empreza a primeyra vez, porque o ſegundo

Iſai. cap. 11. verſ. 11. Apud Mend cit. Malu. de Antichr. lib. 3. cap. 11.

Zach. c. 6. verſ. 12.

ſup-

ſuppoem, & diz ordem ao primeyro; & quando he que entrou a conquiſtar o Oriente a primeyra vez? No principio deſtas conquiſtas, quando paſſáraõ os Portuguezes à India; aſſim o dizem muytos Doutores, & o affirma hũ douto ſobre aquelle texto do Pſalmo quarenta & tres: *Manus tua gentes diſperdidit, & plantaſti eos.* Ah ſim? Logo ſe Chriſto entrou da primeyra vez a conquiſtar o Gentiliſmo do Oriente: *Manus tua gentes diſperdidit*, para nelle plantar com tam bem fundadas raizes aos Portuguezes, & com elles a fé: *& plantaſti eos*, he certo que ha de entrar ſegunda vez com o ſeu braço: *Adjuciet Dominus ſecundò manum ſuã*, para acabar de ſe ſugeytar o reſtante do Oriente aos Portuguezes: *Ad poſſidendum reſiduum populi ſui.* Aos Portuguezes? Sim: porque neſta ſegunda conquiſta ha de entrar Chriſto com o ſeu eſtandarte arvorado, como diz o meſmo Profeta: *Et levabit ſignum in nationes*: para que os povos que ſe forem ſugeytando, reconheçaõ por Rey à aquelle, cujas armas virem eſculpidas no eſtandarte: & qual he o eſtandarte de Chriſto? Saõ as ſuas Chagas, como notou Auguſtinho meu Padre: *Fulgentia Divinæ virtutis vexilla*: & Rey que tem por armas as Chagas, he ſó o Rey de Portugal: logo ſe Chriſto ha de levar adiante o eſtandarte das ſuas Chagas, que he o eſtandarte de Portugal, para que a elle ſe ſugeytem os povos do Oriente; he ſem duvida, que neſta ſegunda conquiſta ha de entrar Chriſto a ſugeytar o reſtante do Oriente aos Portuguezes: *Adjuciet Dominus ſecundò manum ſuam ad poſſidendum reſiduum populi ſui.*

Vieyr. t. Serm. Pſal. 43. Iſai. ibidem. S. Aug.

Deſte diſcurſo ſe vè que a atenuaçaõ deſte Eſtado, a fatalidade que experimentàraõ neſtes annos as noſſas armas, & o miſeravel eſtado, a que ſe vè reduzido todo o dominio Portuguez no Oriente, he o final mais evidente de eſtar jà muy aproximada a reducçaõ, & ſugeyçaõ de toda a Aſia aos Portuguezes. Mas quando ſe ha de ver eſta

ſugey-

ſugeyçaõ ? Quando ha de pizar o Monarcha Portuguez tantos Sceptros ? Quando? Agora, & cedo ; porque temos no preſente governo pronoſticada eſta felicidade, & promettida pelas ſuas operaçoens a gloria de ſe lhe ſugeytarem logo muytas Coroas do Oriente. Entrou o noſſo Principe fazendo guerras a huns , & capitulando pazes com outros ; guerra aos rebeldes , & pazes com os que humildes ſe lhe rendiaõ ; & iſto de começar hum Principe logo no principio do ſeu governo , capitulando pazes com huns, & apregoando guerra a outros , he pronoſtico certo de ſe lhe ſugeytarem logo muytas Coroas,& Coroas do Oriente.

Naſcido Chriſto no mundo , vieraõ logo tres Monarchas do Oriente : *Ecce Magi ab Oriente venerunt* ; & todos reverentes lhe rendéraõ adoraçõeſ , tributando-lhe ſuas coroas : *& procidentes adoraverunt Deum* : porèm ſe cada hum delles ſignificava hũa parte do mundo , como dizem os Santos Padres , pois ſó tres eraõ as que entaõ eſtavaõ deſcubertas ; porque naõ vem hum Rey da Europa , outro da Aſia , & outro da Africa , ſenaõ todos tres da Aſia , & todos tres do Oriente: *Ab Oriente?* Varias ſaõ as razoẽs que daõ a eſte reparo os Doutores : & eu diſſera que como Chriſto tinha deſtinado o Oriente para Imperio ſeu , quiz que os Reynos do Oriente foſſem os primeyros que ſe lhe ſugeytaſſem. Mas a que ſerve ao noſſo intento por agora, naõ he eſta ; & qual ſerà ? Eu a direy: Chriſto quando naſceo, jà naſceo Rey: *Ubi eſt qui natus eſt Rex?* & logo no principio do ſeu Reynado, porque foy logo que naſceo, entrou publicando guerras , & pactando pazes ; publicou guerras pondo hum exercito em campo no Ceo: *Facta eſt multitudo militiæ cæleſtis* : & pactou pazes com os homens na terra, apregoando-as por hum Anjo : *& in terra pax hominibus:* pois eis-ahi a razaõ porque foraõ do Oriẽte as Coroas que ſe lhe ſugeytàraõ : como Chriſto no principio do ſeu go-

Matth. cap 2. verſ. 1.
Ibidem verſ. 11.
Ibidem verſ. 2.
Luc cap. 2. verſ. 22.
Ibidem verſ. 14.

14/5133

verno entrou pondo exercitos em campo contra huns, & celebrando pazes com outros, he ſem duvida que ſe lhe haviaõ de ſugeytar muytas Coroas, & Coroas ſó do Oriente: *Ab Oriente venerunt, & procidentes adoraverunt Deum.*

E ſe iſto ſe vio no principio do governo de Chriſto; vendo nòs que ſaõ taõ ſemelhantes (no modo, que pòde ſer) as operações do preſente governo, bem ſe pòde animar a noſſa eſperança com o pronoſtico de vermos cedo muytas Coroas do Oriente ſugeytas à Coroa de Portugal, & toda a Aſia rendida ao dominio Portuguez. Por hũ Ceſar ſey eu q̃ ſe dilatou o Imperio do Occidente entre os Romanos; & pelo noſſo Ceſar veremos felizmente dilatado, & eſtendido o Imperio do Oriente entre os Portuguezes, para que ſendo tantos, & taõ repetidos os triunfos das noſſas armas no Oriente, ſe vejaõ as Sacratiſſimas Chagas de Chriſto taõ exaltadas nos noſſos eſtandartes, que todas as mais ſe vejaõ ſugeytas, & rendidas a eſtas ſagradas Quinas, como nos promette o Evangelho: *Nunc Princeps hujus mundi ejicietur foras; id eſt, ſubjicietur per gratiam, quæ diffundetur ſacco perforato carnis meæ in paſſione.*

Iſto he, Senhor, o que nos diz o Evangelho preſente; iſto he o que nos certificaõ tantas profecias; & iſto meſmo confirma hoje a voſſa aſſiſtencia neſſe Trono. Com eſſe Sacramento diſſe o grande Agoſtinho, que ſugeytaſtes o mundo todo: *Sacramento corporis Domini ſubjugatus eſt mundus*: & porque razaõ o ſugeytaſtes, ſenaõ por ſer o Sacramento, hum compendio da voſſa Payxaõ, & huma memoria das voſſas Chagas: *Paſſionis memoriale perenne*? Logo com eſſa aſſiſtencia Senhor nos dais a entender, que ſe eſſe Sacramento, por ſer huma memoria das voſſas Chagas, baſtou para ſugeytar o mundo todo, com mais razaõ baſtaràõ as meſmas Chagas para ſe ſugeytar todo o Oriente. Ao primeyro Monarcha Portuguez ſabemos todos, que prometeſ-

S. Aug. lib. 1. ad Januar.

S. Thom. de Aquin.

metteſtes,naõ ſe apartaria jà mais dos Portuguezes a voſſa miſericordia: *Non recedet ab eis, neque à te unquam miſericordia mea* : & vendo eu hoje neſſe Sacramento patentes os theſouros da voſſa miſericordia , perſuadome que hoje mais que nunca pondes os olhos da voſſa miſericordia nos Portuguezes. Se huma viſta de olhos que là logrou Pedro da voſſa miſericordia, fez com que Pedro obraſſe em fórma , que mereceſſe ſer o Principe de toda a Igreja ; ponde tambem Senhor nos Portuguezes os voſſos olhos:*Reſpice in nos*; para que reſtituindoſe as ſuas paſſadas glorias,mereçaõ o dominio de todo o Oriente conquiſtado para a voſſa Igreja. Vede Senhor que he credito das voſſas Chagas o andarem ſempre vitorioſas as noſſas armas , porque ſaõ as noſſas vitorias o com que ſe exaltaõ as voſſas Chagas ; & para que da noſſa parte naõ falte o merecimento para eſte favor , concedeynos a todos muyta graça para o merecermos neſta vida , & lograrmos na outra o premio da gloria. *Ad quam nos perducat Dominus omnipotens. Amen.*

Apud Brito cit.

Pſal. 24.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

BIBLIOTECA
31
MAR.
41
Nº de Reg. 2773

15/9122

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

BIBLIOTECA
31
MAR.
41